

PE-025 - SÍNDROME DE POLAND EM RECÉM-NASCIDO: RELATO DE CASO

Greta Santos Zaffalon¹, Jéssica Migliorini Nunes¹, Nátaly da Silva Prietsch¹, Vazuna de Fátima Piccin¹, Rafaella Zanetti Maximila¹, Izadora Holz Marques¹, Jéssica Taíse Hüller Goergen¹, Raíssa Ferreira Queiroz¹, Larissa Hallal Ribas¹, Paula Trevisol Greque¹

1. Universidade Católica de Pelotas (UCPel).

Introdução: A Síndrome de Poland é uma patologia congênita rara que abrange uma série de anomalias da parede torácica, incomum, geralmente unilateral, e atinge crianças desde o nascimento. O padrão clássico é hipoplasia ou aplasia unilateral da cabeça esternocostal do músculo peitoral maior, característica obrigatória. O tratamento é feito cirurgicamente através de reconstrução mamária. **Relato de caso:** Paciente, masculino, gestação com pré-natal incompleto, mãe tabagista, idade gestacional incerta, pélvico, nascido de parto vaginal, escore de Apgar 4/8 e escore de capurro ao nascer de 36 semanas e três dias. Apresentou ao nascer queda da saturação e dispneia associado a esforço respiratório. Por esse motivo, após estabilização, internou em Unidade Terapia Semi-Intensiva com objetivo de realizar exames complementares para rastreio de Sepsis neonatal. No quinto dia de vida, devido a presença de tórax assimétrico visualizado no exame físico, foi submetido a um Ultrassom de partes moles, apresentando agenesia de peitoral maior e menor à esquerda, confirmando a hipótese de Síndrome de Poland. **Discussão:** Nas formas esporádicas, há predomínio do sexo masculino, sendo o defeito frequentemente unilateral com o lado direito mais afetado que o esquerdo, em torno de 75%. Além da ausência ou hipoplasia do músculo peitoral menor podem ocorrer outros defeitos como anormalidades da parede torácica, hipoplasia ou ausência do mamilo e anormalidades ipsilaterais dos membros superiores. A síndrome provavelmente origina-se por volta da 6ª semana de gestação por interrupção do desenvolvimento da artéria subclávia proximal e seus ramos, que irrigam os músculos peitorais. No entanto, diversos fatores podem estar relacionados com a redução ou interrupção da irrigação dessa artéria, sendo um desses o tabagismo materno. A maioria dos casos são diagnosticados ao nascer, quando apresentam defeitos visíveis no tórax ou membros. Além disso, o diagnóstico pré-natal por ultrassonografia fetal pode detectar defeitos precocemente. Diante do caso apresentado, é notório a importância de um pré-natal com acompanhamento correto, incluindo, principalmente, um ultrassom morfológico, visto a possibilidade diagnóstica precoce. Além desse fato, inclui-se o cuidado para com o uso de substâncias nocivas como tabaco e outras drogas durante a gestação.

PE-026 - PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DA COQUELUCHE EM CRIANÇAS DE 0-14 ANOS ENTRE OS ANOS DE 2010 A 2022 NO RIO GRANDE DO SUL

Patrícia Vanzing da Silva¹, Lisiane Cervieri Mezzomo¹, Gilvana Moreira Rambor¹

1. Universidade Luterana do Brasil (ULBRA).

Introdução: De acordo com o Centro Estadual de Vigilância em Saúde (CEVS), a coqueluche é uma doença infecciosa transmissível aguda que compromete o aparelho respiratório, caracterizando-se por típicos acessos paroxísticos de tosse. Dessa forma, a análise epidemiológica desta patologia é de suma importância para o sistema de saúde brasileiro e para a saúde das crianças. **Objetivos:** Este trabalho tem como objetivo apresentar os principais dados epidemiológicos acerca da coqueluche no estado do Rio Grande do Sul, analisando e comparando incidência em crianças de 0 a 14 anos entre os anos de 2010 a 2022. **Metodologia:** Realizou-se um estudo quantitativo, epidemiológico, a partir dos dados do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS), onde foram coletados e analisados os casos confirmados de coqueluche no período de 2010 a 2022, por ano do primeiro sintoma, faixa etária e sexo das crianças. **Resultados:** O Rio Grande do Sul apresentou um total de 2.456 casos de coqueluche em crianças de 0 a 14 anos no período da pesquisa, desses, 68% (1670 casos) foram em bebês menores de 1 ano, sendo 842 masculinos e 828 casos femininos, com incidência em bebês de 2 meses com aproximadamente 14,5% dos casos (n = 357). Quanto às crianças de 1 a 4 anos, tiveram 446 casos confirmados (18,2%) e as crianças de 5 a 9 anos tiveram 246 casos confirmados (10%) nesse período, já as crianças maiores, de 10 a 14 anos, tiveram um total de 94 casos (3,8%). **Conclusão:** É notório que a coqueluche tem maior prevalência em bebês menores de 1 ano e a menor porcentagem em crianças de 10 a 14 anos. Por isso, faz-se necessária a criação de políticas de educação em saúde para ressaltar as medidas de prevenção da doença, aumentando as taxas de vacinação, principalmente para a vida dos bebês de 0 a 11 meses, que podem apresentar complicações sérias com a patologia.